

# ESTUDO DO PRONOME RELATIVO "O QUAL" E DE SEUS DERIVADOS NA CADEIA DE LINGUAGEM

Lúcia Lovato LEIRIA<sup>1</sup> (Uniritter)

**RESUMO:** uso do pronome relativo o qual e de seus derivados na cadeia de linguagem, à luz da Teoria da Variação. O corpus compõe-se de 250 ocorrências do uso do pronome ou de seus derivados retiradas da produção escrita de vestibulandos e de alunos dos cursos do Uniritter. Seus objetivos são mapear os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que levam ao uso inadequado da forma "o qual" e seus derivados; entender as razões que levam os usuários da língua a utilizar essa forma de maneira tão estranha; alertar profissionais da área de Letras para este problema e oferecer meios para contorná-lo, contribuindo assim para o ensino.

**Palavras-chave:** pronome relativo; ensino; variação lingüística.

**ABSTRACT:** this paper aims at presenting a study about the use of the relative *o qual* and its derivatives in writing string under the light of Variation Theory, whose objectives are mapping the linguistic and extra linguistic factors that mislead the use of *o qual* and its derivatives; understanding any linguistic reasons for such misuse; alerting professionals of the area about this phenomena e offering means to deal with it; contributing for teaching. The corpus contains 250 occurrences gathered from students' compositions of Centro Universitário Ritter dos Reis – RS.

**Key-words:** relative pronoun; teaching; linguistic variation

## 1. Introdução

A partir de minha experiência em sala de aula como professora de língua materna e de produção textual, tenho observado que, em termos de encadeamento lógico das idéias, as produções escritas dos alunos pouco refletem sobre o domínio da argumentação. Ao examinarmos um texto, raramente encontraremos uma estrutura textual sustentada por uma tese fortalecida por argumentos, ou seja, fortalecida por um somatório de idéias apontando no mesmo sentido com vistas a uma conclusão. Raciocínio que, em termos didáticos, poderia ser comparado à operação matemática básica de adição. Tampouco encontramos o raciocínio contrário, uma tese enfraquecida por contra-argumentos, por idéias que apontem em sentido contrário da proposição com vistas a um resultado.

No que diz respeito à organização das idéias dentro do período, infelizmente a situação não é diferente. Poucos são os textos, ou melhor, os alunos, que demonstram ter competência para expressar por escrito seu material mental. Muitos deles se perdem com o uso do advérbio *onde*, fazendo deste um operador argumentativo. Outros utilizam o gerúndio na tentativa de encadear adequadamente as idéias. Nessa mesma linha de elementos estranhos utilizados no encadeamento das partes, há um caso que ultimamente tem me chamado muita atenção, tanto em redação de vestibulares quanto em textos de alunos universitários, o uso totalmente inadequado do pronome relativo "o qual" e de seus derivados. Inclusive na fala, também há ocorrências do fenômeno, embora para esse estudo inicial os dados tenham sido coletados somente a partir da escrita.

Seguem-se alguns exemplos do fenômeno: 1) ... se a escola estiver aberta, outras atividades saudáveis poderão ser desenvolvidas, *no qual*, se ela estiver fechada, os alunos teriam pensamentos tais como... (aluno do curso de Letras – Uniritter); 2) ... montou um restaurante em que buscou servir refeições de menor custo e de qualidade superior às de seus concorrentes, *o qual* tirou uma fatia considerável do mercado. (aluno do curso de Administração – Uniritter); 3) Isso se trata de uma melhor independência tanto financeira como afetiva, que *na qual* as duas trabalham lado a lado. (Vestibular Uniritter)

Nos exemplos um e dois, nitidamente tem-se uma conexão na cadeia de linguagem. No primeiro exemplo, tem-se uma relação de oposição. No segundo, uma conseqüência. No terceiro, entretanto, observa-se que o relativo *na qual* não tem função sintática alguma, tampouco semântica.

Nos dois primeiros casos, pode-se observar que o aluno efetivamente tem noção de que as conexões existem, pois estão sinalizadas, mesmo que indevidamente. Seu problema então parece ser uma dificuldade

---

<sup>1</sup> Professora de Lingüística e de Língua Portuguesa do Curso de Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter) – Porto Alegre, RS. E-mail: lucia\_leiria@uniritter.edu.br

para distinguir o sentido entre elas, já que as marca indistintamente com o pronome relativo *o qual* ou com seus derivados. Já no último exemplo, o pronome ocupa lugar nenhum.

Tal fenômeno, além de demonstrar domínio precário do uso do pronome relativo por parte do autor do texto, é também um problema relacionado à coesão textual (HALLIDAY; HASSAN, 1976), já que o relativo é um forte recurso coesivo. Faz-se necessário então um estudo sobre esse fenômeno que traga subsídios para melhor compreendê-lo e contribuir para a melhoria do ensino das competências em língua materna, no sentido de formarmos sujeitos capazes de organizar seu material mental e expressá-lo também de forma competente tendo a escrita como suporte.

Essa pesquisa, que será complementada com dados da fala, consiste em uma análise variacionista do uso do pronome *o qual* e de seus derivados na cadeia de linguagem escrita com objetivo de entender as razões lingüísticas e/ou extra-lingüísticas que levam os usuários da língua a utilizarem essa forma lingüística de maneira tão inadequada e alertar profissionais da área de Letras para este problema, buscando meios para contorná-lo e contribuindo assim para o ensino. Os dados foram retirados de aproximadamente 1000 textos, redações de vestibular ou não, perfazendo um total de 250 ocorrências do contexto estudado.

## 2. Tratamento dos dados

Os dados que compõem a amostra deste estudo foram analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação (LABOV, 1975) e submetidos à análise estatística GoldVarb 2001 (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), baseado no programa já existente GoldVarb 2.0 (RAND & SANKOFF, 1990). O GoldVarb 2001 é um aplicativo autônomo, contido em um único arquivo e não requer nenhum outro tipo de programa, a não ser o ambiente windows. Foi desenvolvido a partir dos princípios teóricos que embasam a análise multivariada, conforme nos esclarece a literatura (CEDERGREN & SANKOFF 1974; SANKOFF 1978; SANKOFF & LABOV 1979; GUY 1993). E criado especificamente para análise multivariada, que testa a aplicação de regras variáveis. Esse tipo de análise é designado para examinar os fatores que restringem a variação entre variáveis em competição, ou seja, determinam onde a regra é aplicada e onde não é. A análise examina o efeito de cada fator individualmente e mede a influência relativa de tais fatores na variável estudada, examinando um fator enquanto controla todos os demais. A seguir, a análise testa a significância estatística dos fatores que condicionam a regra.

A análise estatística é um conjunto de testes qui-quadrado realizados passo a passo a fim de permitir que os efeitos de inúmeras variáveis sejam desembaraçados, gerando resultados que mostram que fator(es) exerce(m) o efeito mais forte na variável dependente. O número de rodadas do GoldVarb 2001 vai depender dos números estatísticos. Se o usuário considerar os resultados da primeira rodada significativos do ponto de vista lingüístico, a análise estatística encerra-se nesse ponto, caso contrário, serão necessárias outras rodadas.

Para este estudo especificamente, considerou-se como variável dependente o uso equivocado do pronome *o qual* ou de seus derivados. As variáveis independentes, como tradicionalmente se faz em um estudo variacionista, foram divididas entre sociais e lingüísticas.

Como variáveis sociais foram consideradas o gênero do autor do texto, se homem ou mulher. A idade, dividida em duas faixas, até 34 anos e acima de 35 inclusive. E a área de origem dos autores dos textos, se Arquitetura, Letras, Pedagogia, Sistemas de Informação, Administração, Design ou Direito.

Para controlar o fenômeno do ponto de vista lingüístico, foram consideradas as seguintes variáveis independentes.

### *Valor semântico do pronome*

Essa variável foi incluída na análise porque, como mostram os dados, há casos em que o pronome tem valor de pronome mesmo. Em outros, entretanto, o pronome é utilizado com o valor de preposição, de advérbio de lugar ou, ainda, não apresenta valor semântico algum. São fatos que permitiram se levantar a hipótese de que o estudante, ao produzir o texto, pouco reflete sobre as relações semânticas, ou talvez as desconheça, que envolvem o uso do pronome. Os fatores constituintes desta variável foram *pronome relativo; preposição; advérbio; outros; sem valor semântico*. Após a primeira rodada, os números mostraram que os fatores poderiam ser reduzidos a três: *pronome relativo; outros; sem valor semântico*.

### *Existência de referente*

Muitos dos casos em que o fenômeno aparece, observa-se claramente a falta de referente para o pronome, ou seja, ele surge na cadeia da linguagem sem nenhuma ligação com qualquer elemento que o preceda. Com o objetivo então de observar o quanto os estudantes têm consciência da necessidade de referentes para encadear suas idéias, essa variável foi incluída no estudo, dividida em dois fatores: *existe referente; não existe referente*.

#### *Concordância entre o pronome e o núcleo do referente*

A concordância é também um importante fator de coesão (KOCH, 2002), por isso foi incluída como variável a fim de observar seu papel na articulação do pronome relativo com seu referente. Na primeira rodada, considerou-se *concordância de gênero; concordância de número; de gênero e de número; inexistência de concordância; inexistência de referente*. Destes fatores, dois se mostraram irrelevantes, resultando em *knockOuts*, quais sejam, *concordância de gênero* e *inexistência de concordância*, e, por isso, foram eliminados da análise.

#### *Função sintática do referente*

Essa variável foi incluída com o objetivo de observar se, em caso de haver referente, existe relação entre sua função na frase e o uso do pronome relativo, ou seja, se o referente na posição de sujeito ou na de complemento condiciona ou não o uso do pronome, seja ele adequado ou não. Essa variável foi subdividida em *sujeito; complemento; inexistente referente*.

#### *Distância do pronome em relação ao núcleo do referente*

A distância entre elementos na cadeia de linguagem tem sido tradicionalmente utilizada como um fator que pode ou não condicionar determinadas regras, por isso esse fator considerado dentre as variáveis independentes para observarmos se a quantidade de material lingüístico entre o referente, quando existe, e o pronome condiciona, de uma forma ou de outra, o uso do pronome. Consideraram-se aqui os fatores *próximo* (até três elementos), *distante* (a partir de quatro elementos) e *ausência de referente*.

#### *Relação preposição e verbo*

No que diz respeito à relação entre a preposição que acompanha o pronome, *em* (no qual), *de* (do qual), por exemplo, e o verbo que a origina, quando for o caso, os dados em geral mostraram três situações. A relação entre a preposição que antecede o pronome e o verbo que a origina era adequada, equivocada ou casos em que não havia necessidade de preposição. Com a intenção de observar se a relação entre a preposição e o verbo exerce condicionamento na regra em estudo, foram incluídos na análise três fatores: *relação adequada; relação equivocada; inexistência de preposição*.

#### *Origem da preposição*

Muitas vezes, foi possível observar nos dados que seus autores utilizavam preposições quando não havia necessidade, por exemplo, *...sendo correta e leal aos princípios do qual venho buscando na vida...* Por isso, incluiu-se esse grupo de fatores, com o objetivo de verificar a consciência do autor do texto em relação à origem daquela preposição que, quando existe, antecede o pronome. Considerou-se então como fatores *há verbo que origina preposição* e *não há verbo que origina a preposição*.

### **3. Apresentação e discussão dos resultados**

Os resultados parciais da análise do estudo do pronome *o qual* e de seus derivados na cadeia de linguagem revelam 51% como percentual total de aplicação da regra, ou seja, 51% dos informantes não dominam as regras formais do uso do pronome relativo e de seus derivados na cadeia de linguagem. Dentre as variáveis independentes de natureza lingüística os dados destacaram o *valor semântico do pronome*, com 42% de aplicação quando o pronome assume seu próprio valor; 95% de aplicação quando o pronome não tem qualquer valor semântico dentro da sentença; e 93% quando o pronome assume o valor de preposição ou de advérbio de lugar, por exemplo. São números bastante significativos pois demonstram que o pronome quando usado com valor de pronome, a regra não é favorecida, ou seja, quem tem consciência da natureza do relativo sabe respeitar as normas que regem seu uso. Por outro lado, os números resultantes nos casos em que o pronome é utilizado com outros valores ou com valor nenhum, 93% e 95% respectivamente, permitem afirmar que as relações anafórica e catafórica que envolvem o uso do pronome possivelmente mereçam mais atenção na hora de ensinarmos o uso desse elemento lingüístico.

Outra variável lingüística que se revelou favorecedora em relação à aplicação da regra é a *Existência de referente*. Quando há um referente para o pronome, a aplicação da regra ficou com percentual de 47%. Já quando inexistente referente na sentença para o pronome, o percentual de aplicação é de 88%. Esses números apontam para o mesmo sentido dos resultados discutidos anteriormente. Quando os informantes utilizam referente, o resultado (47%) está próximo do ponto neutro. Já para os dados em não há referente, o percentual de aplicação da regra ficou em 88%.

A variável *Concordância entre o pronome e o núcleo do referente* é outra que demonstrou relevância estatística na análise. Quando existe concordância de gênero e de número entre o pronome e seu referente, o percentual de aplicação ficou em 38%. Por outro lado, quando há somente a concordância de número, o percentual de aplicação saltou para 93%. E quando não há referente, o percentual é igualmente alto, repetindo o do grupo de fatores anterior, 88%. Essa variável apresenta resultados que apontam no mesmo

sentido das duas discutidas acima. Quando o informante parece dominar as regras gramaticais do uso do pronome, revelando isso através da concordância entre o pronome e seu referente, a regra em estudo não é favorecida, apresentando um percentual de aplicação bastante baixo (38%). E quando a concordância existe em parte ou inexistente, os percentuais se elevam para 93% e 88%.

Quanto às variáveis sociais, o *gênero* do autor, não demonstrou relevância na aplicação da regra em estudo, já que os índices ficaram muito próximos ao ponto neutro, 51% de aplicação para os homens e 49% para as mulheres. A variável *Curso de origem*, não foi relevante do ponto de vista estatístico. E a *faixa etária*, conforme se esperava, apresentou percentuais de 51% de aplicação para os mais jovens e 36% para os mais velhos, ou seja, os mais velhos demonstram mais domínio em relação à aplicação das regras da gramática.

#### 4. Conclusão

Os valores obtidos, apesar de parciais e apresentados em termos percentuais, fortalecem a hipótese de que quando o usuário da língua utiliza o pronome efetivamente para encadear as idéias, ele tem consciência semântica e sintática dessa forma lingüística, demonstrado pelo baixo percentual de aplicação da regra em estudo em relação aos fatores *valor semântico pronominal*, *existência do referente* e *concordância de gênero e número entre o núcleo o pronome e o núcleo do referente*. Por outro lado, os resultados numéricos demonstraram que, quando o uso da regra apresenta percentuais altos de aplicação, outros fatores estão relacionados que revelam total desconhecimento das regras sintáticas e semânticas que regem o uso do pronome. Este estudo não se encerra por aqui, a ele serão acrescidos dados da fala, provenientes de diferentes situações comunicativas. Outras variáveis sociais serão também incluídas na análise dos dados, como situação comunicativa e status do interlocutor, já que resta a ainda a hipótese de que a forma em estudo possa estar sendo utilizada como uma maneira de mostrar “erudição” ao outro.

#### 5. Referências bibliográficas

GUY, Gregory. The quantitative analysis of linguistic variation. In Preston, D (ed) *American Dialect Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin. 1993

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore. *A coesão textual*. 17 ed. São Paulo; Contexto, 2002

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

ROBINSON, J. S., LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for windows*. University of York . 2001 (xerox)

ROUSSEAU, Pascale, SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, David. (ed.) *Linguistic Variation: models and methods*. New York: Academic Press, p.145-57, 1978.

SANKOFF, D. *Linguistic Variation: models and methods*. New York: Academic Press. 1978.

SANKOFF, D. & LABOV, W. *On the uses of variable rule*. *Language in Society* 8 (2): 189:222. 1979.